

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n2e27142>

A Evolução do Feminismo (1923-1945): epistolaridade, sociabilidades e educação feminista em Mariana Coelho

The Evolution of Feminism (1923-1945): epistolarity, sociabilities,
and feminist education in Mariana Coelho

La evolución del feminismo (1923-1945): epistolaridad,
sociabilidades y educación feminista en Mariana Coelho

Andréa Bezerra Cordeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6963-5261>

Rosana de Fatima Berton Bauer

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4021-1295>

Resumo: Neste artigo analisamos os processos de construção intelectual que culminaram na obra *A Evolução do Feminismo* (1933), de Mariana Coelho, considerada uma das principais expressões do pensamento feminista da primeira onda no Brasil. A partir da análise de cartas trocadas entre a autora com a feminista Bertha Lutz investigamos como a escrita dessa obra constituiu uma trajetória singular de autoformação, construída à margem da educação formal. Ancorado na História Cultural, o estudo compreende a escrita como prática social e as cartas como instrumentos formativos e políticos. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa histórica, que mobiliza fontes epistolares e jornalísticas consultadas em repositórios digitais. A análise evidencia a escrita como gesto ético e político, articulado à militância feminista e à rede de sociabilidades letradas. A trajetória de Mariana Coelho revela modos de produção intelectual feminina no Brasil da primeira metade do século XX, oferecendo pistas relevantes para a história das mulheres e da educação.

Palavras-chave: feminismo; história da educação; Mariana Coelho; ego-documentos; autoformação intelectual.

Abstract: This article analyzes the intellectual construction processes that culminated in *A Evolução do Feminismo* (1933), by Mariana Coelho, considered one of the main expressions of first-wave feminist thought in Brazil. Based on the analysis of letters exchanged between the author and feminist Bertha Lutz, we investigate how the writing of this work constituted a unique path of self-education, developed outside the bounds of formal education. Anchored in Cultural History, the study approaches writing as a social practice and letters as formative and political instruments. Methodologically, it is a qualitative historical research that draws on epistolary and journalistic sources consulted in digital repositories. The analysis highlights writing as an ethical and political act, tied to feminist militancy and networks of intellectual sociability. Mariana Coelho's trajectory reveals alternative forms of female intellectual production in early twentieth-century Brazil, offering relevant insights into the history of women and education.

Keywords: feminism; history of education; Mariana Coelho; ego-documents; intellectual self-education.

Resumen: Este artículo analiza los procesos de construcción intelectual que culminaron en la obra *La evolución del feminismo* (1933), de Mariana Coelho, considerada una de las principales expresiones del pensamiento feminista de la primera ola en Brasil. A partir del análisis de cartas intercambiadas



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

entre la autora y personas intelectuales de su época, especialmente Bertha Lutz, se investiga cómo la escritura de esta obra constituyó una trayectoria singular de autoformación, al margen de la educación formal. Fundamentado en la Historia Cultural, el estudio comprende la escritura como práctica social y las cartas como instrumentos formativos y políticos. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa que moviliza fuentes epistolares y periodísticas consultadas en repositorios digitales. El análisis evidencia la escritura como un acto ético y político, articulado a la militancia feminista y a redes de sociabilidad intelectual. La trayectoria de Mariana Coelho revela formas alternativas de producción intelectual femenina en el Brasil de la primera mitad del siglo XX.

Palabras clave: feminismo; historia de la educación; Mariana Coelho; ego-documentos; autoformación intelectual.

1 Introdução

Neste artigo nos debruçamos sobre os processos de construção intelectual que culminaram na obra *A Evolução do Feminismo*, de Mariana Coelho, publicada em 1933 e hoje considerada uma das principais expressões do pensamento feminista da primeira onda no Brasil. A partir da análise de correspondências trocadas entre a autora e intelectuais de sua época, especialmente Bertha Lutz, buscamos compreender como a escrita dessa obra constituiu, para Mariana Coelho, uma trajetória singular de autoformação, construída à margem da educação formal e institucionalizada.

Escrita ao longo de mais de duas décadas, muitas vezes sob a luz fraca das noites pós-expediente, a obra foi sendo costurada por esta professora e intelectual entre silêncios e resistências, como um gesto político de afirmação e um projeto de legado à causa feminista. Nascida em 1857, em Trás-os-Montes, Portugal, Mariana Coelho migrou para o Brasil em 1892 e radicou-se em Curitiba, onde atuou como professora, diretora escolar e militante feminista até sua morte, em 1954. Apesar de não possuir educação básica formal, formação universitária ou diplomas, construiu um percurso intelectual denso, ancorado em uma rede de sociabilidades letradas e práticas educativas informais, alicerçadas no que Bourdieu (1989) conceitua como capital cultural, herdado e cultivado.

A pesquisa¹ se ancora no referencial da História Cultural (Chartier, 1988), compreendendo a escrita como prática social. As cartas são aqui tomadas como ego-documentos (Viñao Frago, 2000; Cunha, 2019), o que permite compreendê-las como práticas de subjetivação e inscrição de si no mundo, conforme propõe Foucault (2004) ao discutir a escrita como exercício ético e formativo. Nesses escritos epistolares

¹ Este artigo é derivado de pesquisa de mestrado defendida em 2025 no programa de Pós-graduação em Educação da UFPR, Linha de História e Historiografia da Educação.

enxergamos espaços de produção de sentido e de registro de uma trajetória formativa. Também mobilizamos os estudos de Ginzburg (1989), a partir da leitura de vestígios nas fontes, assim como a reflexão sensível de Arlette Farge (2009) sobre a experiência do arquivo, refletindo sobre a polêmica do “sabor” que se perde e da acessibilidade que se ganha na digitalização das fontes — realidade analisada criticamente à luz de Inés Dussel (2019). Para discutir a trajetória de Mariana Coelho como educadora, feminista e intelectual, dialogamos com pesquisas recentes que se debruçaram sobre sua vida e obra, como as de Bueno (2024), Kamita (2005), Tomé (2020) e Silva (2024).

É a partir desse enquadramento teórico-metodológico que o artigo se orienta por algumas questões centrais: de que modo a obra *A Evolução do Feminismo* foi construída no interior de redes de sociabilidades feministas mediadas pela escrita epistolar; como as cartas funcionaram simultaneamente como fonte de informação, espaço de formação intelectual e instrumento de intervenção política; e de que maneira a interlocução entre Mariana Coelho e Bertha Lutz evidencia processos de colaboração, negociação e afirmação de autonomia intelectual. Ao articular a análise documental das cartas com a obra publicada e com o contexto histórico, buscamos compreender não apenas o resultado final do livro, mas o próprio processo de sua elaboração, suas escolhas, tensões e estratégias de legitimação no campo intelectual e feminista do início do século XX.

Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa em História da Educação, cujas fontes principais são cartas localizadas no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), além de publicações jornalísticas consultadas por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A análise considera os limites e as potências dos repositórios digitais, compreendidos aqui não apenas como ferramentas de acesso, mas como espaços que impõem novas mediações aos modos de ler e interpretar os documentos — mediações que, embora envolvam perdas sensoriais, também promovem uma importante democratização do acesso a acervos históricos (Van Ruyskensvelde, 2014).

O texto está organizado em três partes: inicia-se com a discussão pelo percurso metodológico com as cartas — instrumentos formativos e políticos — articulada a um debate sobre os desafios e possibilidades do uso de fontes digitalizadas em pesquisas históricas; na sequência, apresenta-se, na trajetória da

escrita de Mariana Coelho, sua busca pelo apoio à publicação da obra em cenário favorável à rede de sociabilidade intelectual feminista da época; por fim, analisa-se a escrita da obra *A Evolução do Feminismo*, evidenciando como as trocas epistolares influenciaram sua elaboração ao longo de mais de duas décadas.

2 O percurso metodológico e investigativo pelas linhas epistolares de Mariana Coelho

A escrita de um livro é uma tarefa árdua, que empenha tempo, pesquisa, dedicação, crítica e autocrítica. Escrever um livro de fundo histórico, com o compromisso de torná-lo uma referência à causa mais importante da vida da escritora e fazê-lo no contexto do início do século XX em uma cidade periférica como a Curitiba dos anos 1920-1930 se torna uma tarefa ainda mais desafiadora. A busca por fontes, por notícias, por análises do conteúdo e por indicações sobre o mundo editorial se tornou parte do processo de elaboração da obra *A Evolução do Feminismo*, revelado nas trocas epistolares de Mariana Coelho com outros(as) intelectuais, em especial com Bertha Lutz, cientista, sufragista e uma das líderes do feminismo brasileiro à época, e cujas cartas constituem nossas fontes centrais.

Mariana Coelho nasceu em 10 de setembro de 1857, em Trás-os-Montes, Portugal. Filha de Maria do Carmo Teixeira Coelho e de Manoel Antônio Ribeiro Coelho, farmacêutico, integrou uma família numerosa, entre cujos membros se destaca Carlos Alberto Teixeira Coelho (1866–1924), farmacêutico, professor e filólogo, cuja influência foi significativa em sua formação intelectual. Naturalizada brasileira em 1939, viveu em Curitiba até seu falecimento em 1954, aos 97 anos, com a Baronesa do Serro Azul e de outras mulheres da elite local (Ribeiro, 2015, p. 23). Atuou ainda como secretária, professora e diretora da Escola Profissional Feminina, aposentando-se em 1941. Foi membro do Centro de Letras do Paraná, da Cruz Vermelha Paranaense e do Centro Paranaense Feminino de Cultura, além de patrona da cadeira nº 28 da Academia Feminina de Letras do Paraná e da cadeira nº 30 da Academia Paranaense de Poesia. Sua produção intelectual inclui obras como *Discurso* (1902), *O Paraná mental* (1908) e *A Evolução do Feminismo: subsídios para sua história* (1933), entre outros títulos publicados nas décadas seguintes, inclusive de forma póstuma.

Bertha Lutz, principal interlocutora das cartas analisadas, nasceu em São Paulo em 1894. Filha da enfermeira inglesa Amy Fowler e do cientista Adolfo Lutz, formou-se em Ciências pela Universidade de Paris, onde teve contato com o movimento sufragista inglês. De volta ao Brasil, atuou no Museu de Zoologia do Instituto Oswaldo Cruz e, em 1919, ingressou no Museu Nacional após concurso público, tornando-se a segunda mulher a integrar o serviço público federal. No mesmo ano fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que em 1922 deu origem à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual foi presidente. Ainda em 1922, representou o Brasil na 1ª Conferência Interamericana de Mulheres, em Baltimore, ampliando suas redes de sociabilidade intelectual, científica e diplomática (Lôbo, 2010).

A atuação intelectual e educativa de Mariana Coelho, embora construída fora dos grandes centros culturais do país, não se desenvolveu de forma isolada. Sua trajetória articulou-se a redes feministas e intelectuais de alcance nacional e internacional, entre as quais se insere a interlocução com Bertha Lutz, cuja projeção conferiu densidade política e intelectual às trocas epistolares analisadas neste estudo.

A escrita epistolar insere-se na categoria dos ego-documentos, termo cunhado por Jacob Presser em 1958 e posteriormente debatido sob diversas perspectivas teóricas (Cunha, 2019). Para Viñao Frago (2000, p. 11, tradução própria), trata-se de “[...] textos nos quais o sujeito fala ou se refere a si mesmo, nos quais o 'eu' encontra refúgio e se converte em elemento de referência.” Cunha (2019, p. 13) os define como escritos que “resistiram ao fogo e/ou ao lixo” e conservam experiências pessoais com o intuito de guardar a si próprios. São registros de sentimentos, pensamentos, desejos e vivências íntimas. O termo “ego” — entendido na psicanálise como a instância do “eu” — remete à consciência, personalidade e singularidade de cada indivíduo. Na pesquisa histórica, as cartas pessoais revelam tanto laços afetivos e relações sociais de sua época quanto práticas de escrita e discurso em distintas temporalidades (Cunha, 2013).

As cartas de Mariana Coelho mesclam debates intelectuais com confidências pessoais, quase sempre escritas de próprio punho, o que lhes confere um caráter íntimo e singular. Ao se comunicar, ela reelabora seu próprio eu, no gesto que Foucault (2004) define como *escrita de si*: “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura,

ela age sobre aquele que a recebe”. Com suas palavras, Mariana não apenas agia sobre os interlocutores, mas também sobre si mesma, ao testar hipóteses e elaborar ideias em movimento. Como afirma Foucault (2004, p. 156):

A reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame. A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como "bem próprio", constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma.

Apesar de milenares, foi no século XIX que as cartas se consolidaram como parte das “[...] práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada” (Cunha, 2013, p. 119), sobretudo entre as elites. Eram o principal elo entre pessoas distantes em um tempo de comunicação restrita. Nas correspondências entre Mariana Coelho e Bertha Lutz, entrelaçam-se aspectos pessoais — lutos, saúde, trabalho, viagens — e reflexões sobre a produção intelectual, o movimento feminista e a escrita. Nossa atenção recai especialmente sobre os conselhos que Mariana pediu a Bertha e que contribuíram diretamente para sua formação e para a elaboração do livro *A Evolução do Feminismo*. Embora mais jovem, Bertha Lutz tinha atuação feminista mais consolidada, e Mariana recorreu a ela como interlocutora constante, apoiando-se em suas respostas para sustentar e enriquecer o conteúdo da obra.

O acesso ao teor das cartas exigiu intenso trabalho de busca e seleção nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional, onde localizamos 72 correspondências. Transcrevê-las e organizá-las — muitas em manuscritos desordenados, misturadas a outros documentos — demandou esforço técnico e crítico, no que Michel de Certeau (2008, p. 65) chamou de “gesto do historiador”. Classificados os documentos, nos deparamos com outro desafio, a materialidade das cartas revelada em sua digitalização. Tivemos acesso a elas somente em sua via digital, escaneado em preto e branco, por isso não pudemos sentir a textura dos papéis, nem identificar com precisão que tipos de papéis foram usados. Mas pudemos perceber que Mariana Coelho escreveu, na maioria das vezes a mão, em papel pautado, com poucas cartas datilografadas em papel branco, e que em algumas cartas ela utilizou papel timbrado da Escola Profissional República Argentina.

Apesar de serem recentes as discussões a respeito do uso de repositórios digitais em pesquisas históricas, não podemos desconsiderar as discussões que afirmam que há “perdas” na análise de fontes digitalizadas, que há prejuízos quanto a

interpretação e ao que Farge (2009) chamou de “sabor do arquivo”, provado através dos sentidos, texturas e cheiros, onde os resquícios do passado, neste caso de acervos digitalizados, são neutralizados pela tela. Há também muitas falhas no que se refere às formas de buscas por palavras-chave, que nem sempre são precisas.

Dussel (2019) alerta sobre os riscos de que documentos digitalizados e disponibilizados para pesquisa sem que se possibilite o contato com os originais possam ser tomados de maneira desconectada com seus lugares de produção, com o risco de descontextualização, em meio à enxurrada de dados digitais. Nos acautelamos destes riscos entrecruzando às cartas a análise do próprio livro e textos escritos sobre e por Mariana Coelho em periódicos do período, de modo a melhor identificar interações epistolares que repercutiram na escrita e na formação intelectual feminista da autora.

Sobre a utilização deste tipo de repositório em pesquisas, Van Ruyskensveld (2014, p. 867 *apud* Santos, 2021, p.13, tradução própria) destaca que:

Além do fato de ter o potencial de fazer a nossa vida consideravelmente mais simples e facilitar a leitura e análise de grandes organismos de fontes históricas, isto também pode nos ajudar a ligar conceitos de diferentes textos, o que, por sua vez, oferece a possibilidade de distinguir padrões no discurso e prática educacional ao longo do tempo e lugar.

Ainda com Dussel (2019), acreditamos que seja legítimo analisar esses documentos com atenção para suas condições de produção e de preservação. Neste sentido o repositório digital foi de suma importância, funcionando como uma ferramenta de inclusão acadêmica, proporcionando a democratização destes acervos, principalmente para pesquisadores que residem fora dos grandes centros e dispõem de poucos recursos financeiros para acessar fontes presencialmente em lugares distintos, fontes que mesmo sem as texturas e cheiros, proporcionaram o sabor dos achados, ainda que em tela, apenas com os olhos.

Embora hoje tenham função social reduzida, as cartas ainda figuram nos currículos de Língua Portuguesa como gênero textual, com regras específicas que, até o início do século XX, eram seguidas mesmo nas correspondências íntimas. Nas cartas de Mariana Coelho, as formas de tratamento e a estrutura formal revelam o paulatino estreitamento dos laços com Bertha Lutz: o tom cerimonioso vai cedendo espaço a uma escrita mais pessoal. A caligrafia também muda: de letras desenhadas e cuidadosas (Figura 1) para traços mais apressados e fluidos, evidenciando a

urgência comunicativa. Há anotações fora da ordem habitual e observações transversais (Figuras 2 e 3), sinais da crescente intimidade. As fórmulas de saudação acompanham esse processo: de “Exma. Sra. D.” passam a expressões como “Querida e distinta amiga” e “consócia”, indicando a construção de um vínculo afetivo e político cada vez mais próximo.

Figura 1 – Trecho de carta escrita por Mariana Coelho à Bertha Lutz²

CO. ADM. COR. 1924.10, p. 32

Curitiba, 6/12/1924

Prezadíssima D. Bertha Lutz

Deve V. Ex^{ta}. ter recebido uma carta minha de 17 de novembro p. findo.

Hoje preciso dizer-lhe que a Livraria Mundial, de Curitiba, sempre recebeu - finalmente, o "Perfil da Mulher Brasileira".

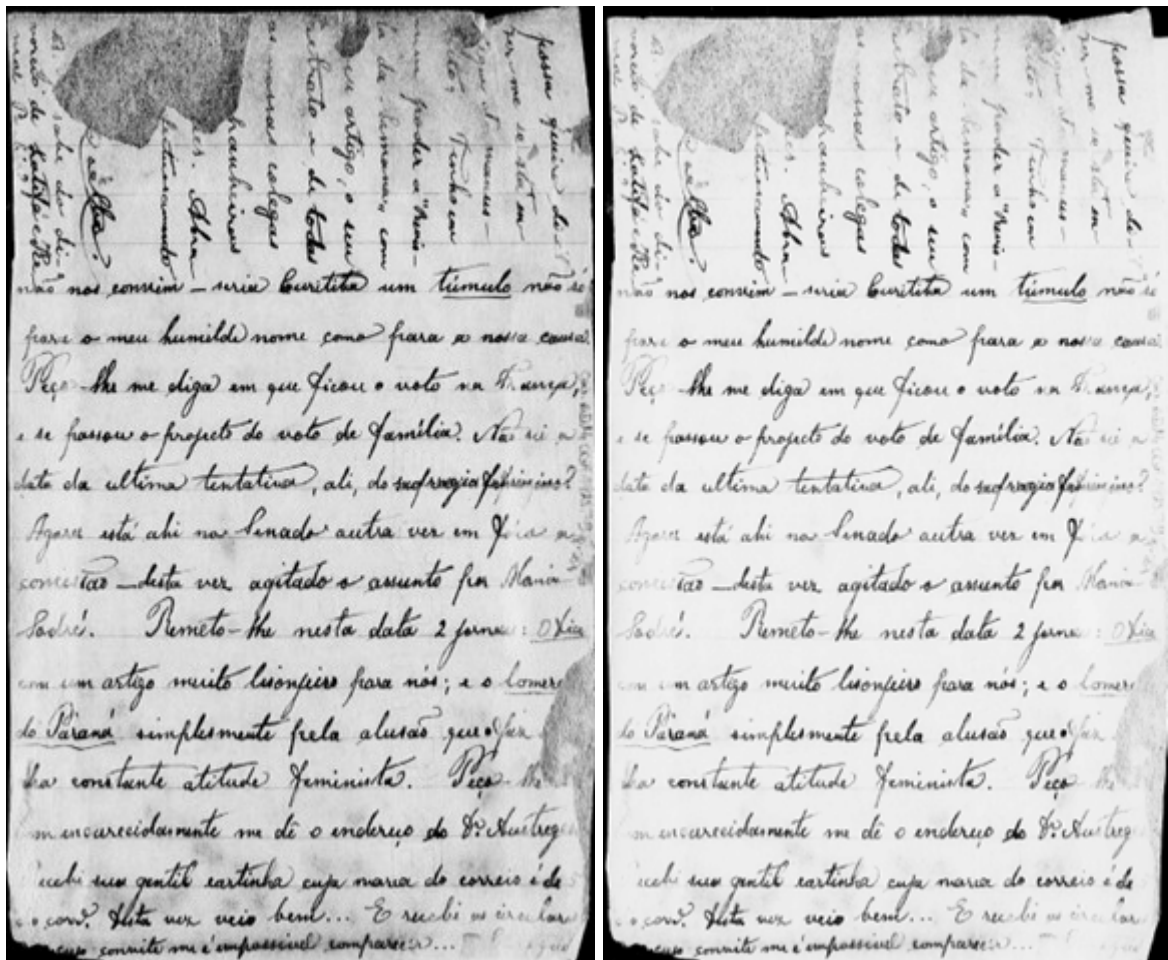
Fica, por consequência, sem efeito, o pedido que lhe fiz a respeito de brasileiras notáveis em artes plásticas. Aguardo apenas a resposta de V. Ex^{ta}. relativa às outras minhas frequentes.

No Perfil apenas foi novo para mim o ponto referente às artes acima indicadas, e alguns nomes femininos dos tempos coloniais - a maior parte dos quais talvez não tenham oportunamente

Fonte: Arquivo Nacional.

² Escrita em 06/12/1924, onde é possível perceber a letra legível.

Figura 2 / Figura 3 - Trechos de carta escrita por Mariana Coelho à Bertha Lutz³



Fonte: Arquivo Nacional.

Outro aspecto relevante é a materialidade das cartas. Muitas foram escritas com pena e tinteiro, em papéis de diferentes gramaturas, o que compromete sua legibilidade — especialmente nas digitalizações, em que textos frente e verso se sobrepõem. Há ainda palavras abreviadas, termos de difícil compreensão, trechos rasgados, borrados ou escurecidos. Apesar dos desafios, o esforço de ler, compreender e analisar esses documentos revelou-se uma fonte de grande satisfação no exercício historiográfico, no qual transcrevemos toda a massa documental.

Durante a leitura das cartas, notamos que uma mesma correspondência poderia contemplar diversos assuntos, o que dificultou uma organização cronológica. Optamos, assim, por categorizá-las entre os seguintes temas: a) detalhes históricos de conquistas ou perdas de direitos das mulheres em várias partes do mundo; b)

³ Escrita em 15/09/1925, onde é possível perceber as anotações acima do texto principal.

detalhes de conteúdo do livro *A Evolução do Feminismo*; c) indicações de fontes e referências; d) notícias sobre o feminismo em diversos países; e) busca por editora; f) sobre a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; g) dramas familiares e assuntos pessoais.

As 72 cartas localizadas (1909-1945) foram selecionadas, organizadas cronologicamente e transcritas em tabela, o que permitiu mapear os(as) correspondentes e os temas abordados. Desse total, 57 foram escritas por Mariana Coelho, sendo 47 destinadas a Bertha Lutz, sua principal interlocutora. Das 14 cartas recebidas, oito eram de Bertha Lutz; as demais vieram de nomes como Rocha Pombo, Dario Velloso, e de instituições como o Serviço de Estatística da Educação e Saúde.

A desproporção entre cartas enviadas e recebidas pode ser explicada pela forma de guarda: grande parte do acervo encontrado pertence à coleção pessoal de Bertha Lutz, preservada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, digitalizada no portal SIAN. Nesse mesmo repositório, localizamos ainda correspondências relativas ao Centro Paranaense de Cultura Feminina e outros remetentes, como Rocha Pombo e Fábio Luz.

As correspondências de Mariana Coelho evidenciam sua inserção em redes intelectuais formadas por pessoas de alta instrução e destaque social, em geral alinhadas com os ideais feministas. Esses vínculos ampliaram seu repertório, abriram portas e funcionaram como uma forma de autoformação e aperfeiçoamento intelectual.

Conforme assinala Camargo (2011, p. 19), as cartas, por serem datadas, delimitam lugares e momentos específicos na história dos sujeitos e da cultura. Assim, os escritos de Mariana Coelho, ao abordarem temas como feminismo, anarquismo e a influência da Igreja Católica, revelam um pensamento profundamente enredado em seu contexto temporal, social e cultural. As trocas com Bertha Lutz evidenciam a adesão de ambas a um feminismo de matriz maternalista e moralizante, marcado pela preocupação em evitar interpretações que pudessem comprometer a reputação feminina.

3 A publicação da obra *A Evolução do Feminismo*: vestígios de uma conquista pelas linhas epistolares

A obra *A Evolução do Feminismo: Subsídios para a sua História* reúne narrativas históricas e culturais feministas, abordando a atuação das mulheres em campos como religião, guerra, política, administração, ciências, artes, letras, imprensa e amor. Dividida em sete capítulos, busca demonstrar as lutas e a competência feminina. Em carta a Bertha Lutz, Mariana resume a intenção da obra: “Eu quero provar que em todos os ramos do saber humano temos belos exemplares no nosso sexo” (Coelho, 21 jan. 1925). Em 1936, afirmou tratar-se do livro “no qual historiei, através dos séculos, a capacidade moral e intelectual do nosso sexo” (Coelho, 13 set. 1936).

A escolha do título revela o diálogo da autora com o pensamento de sua época. Nos anos 1930, o termo “evolução” estava carregado pelo positivismo e pelas ideias de progresso herdadas do século XIX, sendo compreendido como um processo linear e ascendente de aperfeiçoamento social, institucional e civilizatório. Essa noção, derivada das ciências naturais — sobretudo das leituras sociais do darwinismo e do evolucionismo comteano — foi amplamente apropriada por intelectuais brasileiros como uma ferramenta para pensar a modernização do país e, no caso de Mariana Coelho, também para repensar os papéis sociais atribuídos às mulheres. Ao utilizar o termo no título da obra *A Evolução do Feminismo*, Mariana Coelho inseriu o movimento feminista num horizonte histórico que supõe um progresso inevitável rumo à emancipação feminina, articulando-o com um ideal de racionalidade e aprimoramento moral da sociedade.

Embora hoje criticada por sua linearidade e eurocentrismo, a visão progressista da história foi central nos projetos intelectuais e pedagógicos do início do século XX. Entre os reformistas, a ideia de “evolução” articulava ciência, moral e política, sendo recorrente em discursos científicos e sociais (Sevcenko, 1983). Em Mariana Coelho, essa linguagem legitima o feminismo como movimento moderno e necessário, ancorado num imaginário de civilização e ordem. Sua narrativa histórica do feminismo a enxerga como um processo contínuo de aperfeiçoamento racional e moral, associando o progresso feminino à educação, cultura e avanço das nações “civilizadas”. Termos como “ascensão” e “emancipação” aparecem em chave evolucionista. Ao tratar de figuras como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft,⁴

⁴ Gouges, francesa, “escritora, abolicionista, sufragista e, principalmente, militante feminista” (Tavares, 2023, p. 2-3) e Wollstonecraft, inglesa, intelectual libertária, ativista das causas dos oprimidos e

Mariana as insere numa linha de progresso em direção à igualdade de direitos, compondo uma narrativa teleológica do feminismo.

Para tecer seu livro, Mariana Coelho pesquisou sobre o papel e a participação feminina em diferentes áreas da vida social, recorrendo a livros e a periódicos diversos. Em um tempo e lugar onde a circulação de materiais impressos não era fluída, ela contou com o auxílio de colaboradores, que enviavam informações por carta e debatiam fatos que eram de interesse dela, além de sugerirem e fornecerem exemplares de fontes e referências sobre a temática.

A principal colaboradora neste sentido foi Bertha Lutz. Na primeira carta de 2 de janeiro de 1923, Mariana Coelho relata à colega de causa, que está escrevendo uma obra sobre a evolução do feminismo e pede auxílio no trabalho com os jornais, temendo deixar de mencionar algo de importante:

Apesar de ter manuseado vários jornais cariações a respeito do desenvolvimento que ultimamente a nossa causa tem tomado aqui no nosso Brasil, é possível que alguma cousa de importante me tenha escapado e por isso resolvi pedir diretamente a V.E.^a me auxilie” (Coelho, 2 jan. 1923)

Parte dos debates entre avanços e retrocessos na emancipação feminina, foram acompanhados em tempo real e sentidos na pele por Mariana Coelho, que foi militante e presenciou muitas vitórias das mulheres, como a aprovação de Bertha Lutz no concurso para secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em carta escrita no dia 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho relata a Bertha Lutz que ficou sabendo da conquista da colega: “Há muito sei – e os registrei no livro, que a minha ilustre amiga conquistou por concurso o lugar de Secretária do Museu.” (Coelho, 21 jan. 1925).

Em carta do dia 1º de novembro de 1925, a pedido de Mariana Coelho, que queria complementar as informações já inseridas em seu livro sobre a colega, Bertha Lutz a respondeu, destacando um pouco da sua trajetória profissional e citando a sua aprovação no concurso, relatando fatos novos que não estavam nas fontes anteriores, como o número de candidatos concorrentes e o de provas realizadas, o que amplia ainda mais o mérito da feminista:

militante antiescravagista. (Moraes, 2025), “escreveram, de forma quase simultânea, documentos muito significativos para a história do movimento feminista: a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, escrito por Olympe de Gouges em 1791, e a obra *Reivindicação dos direitos da mulher*, escrita por Mary Wollstonecraft em 1792.” (Tavares, 2023, p. 2-3)

Fui educada em S. Paulo e em Paris, sendo diplomada em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris. Ocupei primeiro um lugar no Instituto Oswaldo Cruz. Em seguida fui após concurso com 10 homens, em 7 matérias e 14 provas, classificada em primeiro lugar e nomeada secretária do Museu Nacional. Atualmente tenho ali um laboratório, dedicando-me à Botânica. (Lutz, 1 nov. 1925)

Segundo Tomé (2020), *A Evolução do Feminismo* levou entre 15 e 20 anos para ser concluído e teve sua primeira edição publicada em 1933 pela Imprensa Moderna S.A., no Rio de Janeiro, em brochura, com capa mole, formato 14 × 19 cm e 611 páginas, não havendo informações sobre a tiragem. Conforme nota da própria autora, a obra estaria pronta desde 1926, sem que Mariana Coelho explicitasse as razões do atraso, atribuído apenas a motivos alheios à sua vontade. Bueno (2010, p. 22), contudo, esclarece que, ao viajar ao Rio de Janeiro com os originais, a autora teve um capítulo roubado, o que a levou a refazer o trabalho, concluído apenas em 1933.

Entre a finalização da obra e sua publicação ocorreu uma das principais conquistas do movimento feminista brasileiro: o direito ao voto, reconhecido em 24 de fevereiro de 1932, pelo Decreto nº 21.076, que instituiu o Código Eleitoral e assegurou o sufrágio a cidadãos maiores de 21 anos, sem distinção de sexo (Brasil, 1932), posteriormente incorporado à Constituição de 1934. Apesar da centralidade desta conquista na vida de Mariana Coelho, a legalização do direito feminino ao voto não foi incluída no livro, possivelmente em razão da proximidade do fato com a publicação da obra.

Em relação à escolha da editora, inferimos que esteja relacionada à discussão com Bertha Lutz durante a escrita da obra. Nas cartas, dentre os vários assuntos ligados à causa feminista e a detalhes sobre a escrita, estava a busca por uma editora. Em carta enviada a Bertha Lutz em 15 de setembro de 1925, Mariana Coelho destaca:

Estou muito contrariada: tencionava editar o livro na Casa Monteiro Lobato, de S. Paulo, mas, no grande número de falências ultimamente requeridas na aludida cidade, sobressai a dele com uns 3.000 contos. Eu quero editá-la em S. Paulo ou no Rio – aqui não nos convém – seria Curitiba um túmulo não só para o meu humilde nome como para a nossa causa. (Coelho, 15 set. 1925)

Ela se referia à editora de propriedade do escritor Monteiro Lobato, que havia comprado, em 1918, a Revista do Brasil, fundada em 1916 por Júlio de Mesquita⁵, e além de escrever e editar suas próprias obras, que venderam milhares de exemplares,

⁵ Advogado, político, jornalista, e empresário, proprietário também do jornal O Estado de S. Paulo (fundado em 1875). (Ribeiro, 2024)

passou a editar livros de outros autores. Posteriormente, passou a usar o nome empresarial “Monteiro Lobato e Cia. Editores”. Pela editora, foram publicadas obras de autores como Oliveira Vianna, Martins Fontes e Lima Barreto, dentre vários nomes bem conhecidos da literatura brasileira (Monteiro [...], 2024).

Acreditamos que Mariana Coelho considerava que Curitiba seria um “túmulo” para seu nome e sua causa, especialmente pela ausência de editoras robustas e pelo conservadorismo predominante na cidade, o que dificultava a recepção de ideias feministas. Esse ambiente adverso é visível nos conflitos que Mariana enfrentava em suas relações e na imprensa local. O feminismo em Curitiba, no início do século XX, ainda contava com poucas vozes favoráveis — como Elvira Paraná, Leonor Castelhana e Pamphylo d’Assumpção — e muitos opositores influentes, como Nestor de Castro, Gastão Faria, Flávio Suplicy de Lacerda e Georgina Mongruel (Trindade, 1996). A publicação de sua obra exigia, portanto, um cenário mais receptivo e abrangente.

O desejo de Mariana Coelho em publicar sua obra no Rio de Janeiro ou em São Paulo não era fortuito. O Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, foi o principal centro editorial do país. Já São Paulo, impulsionada pela crise da Primeira Guerra Mundial e pela consequente substituição de importações, viveu rápido crescimento industrial: entre 1914 e 1920, sua indústria cresceu 25% ao ano.

Na década de 1920, São Paulo consolidou-se como importante polo gráfico, com vinte editoras produzindo cerca de 200 títulos anuais e tiragem total de 1,9 milhão de exemplares (Paixão, 1998). Publicar nesse cenário ampliava as chances de alcance da obra, como desejava Mariana Coelho, que escreveu a Bertha Lutz em 17 de setembro de 1925, voltando a mencionar o assunto da edição do livro: “Disse-me ontem um Dr. meu amigo, que mora no Rio, mas que atualmente está aqui, que há ali no Rio duas casas editoras como a Monteiro Lobato de São Paulo; sabe-me dizer alguma coisa sobre isto?” (Coelho, 17 set. 1925)

Em 1º de novembro de 1925, Bertha Lutz respondeu Mariana Coelho, dizendo, dentre outras coisas que: “Quanto à publicação existem várias casas editoras aqui. Se tiver qualquer desejo de informação a respeito, avise, que terei muito prazer de obtê-las no que for de alcance meu” (Lutz, 1 nov. 1925). Em 22 de novembro de 1925, Mariana Coelho respondeu:

Quanto à publicação, tudo o que a respeito lhe tenha dito, parte deste princípio: eu não posso editá-lo à minha custa. Como a Casa Monteiro Lobato, de S. Paulo, editava todas as obras por sua conta; tencionava eu mandar-lhe o meu livro para o mesmo fim. Mas abriu falência, depois mudou-se para o Rio. Disseram-me que aí no Rio havia dois editores nas mesmas condições de M. Lobato. Então deposito, tranquila, o caso, nas suas mãos e nos seus bons ofícios. (Coelho, 22 nov. 1925)

Em 20 de maio de 1926, Bertha Lutz, depois de vários meses doente, respondeu Mariana Coelho continuando as tratativas da publicação da obra:

Já tem algum plano sobre a publicação? Escreva-me, sim? Tenho pensado em vários, mas por ora, nada de definitivo tenho a propor. Si quiser indagarei de vários jornais quotidianos si o querem publicar seriadamente, o que não impediria a publicação posterior e daria a mais ampla repercussão neste país onde a imprensa quotidiana é mais lida do que qualquer outro género de publicação. Estamos com ideia de publicar uma revista feminina onde poderia sair, mas não quero iludi-la com promessas, antes de estar em condições de cumpril-as, pois constitui isto uma praxe detestável, não é assim? Quantas páginas terá o livro? De posse desta informação é que poderia julgar, o que seria melhor. Há grande dificuldade com as edições no Rio, pois querem que se faça por conta do autor, mas não devemos desanimar.guardo suas sugestões. (Lutz, 20 maio 1926)

Em 5 de junho de 1926, Mariana Coelho volta a escrever para Bertha Lutz, confessando não achar uma boa ideia publicar partes do livro antes do seu lançamento, temendo prejudicar a aceitação do editor na publicação da obra e sugere que: “Depois de ser ele publicado faremos, nós as feministas, por que seja divulgado na imprensa” (Coelho, 5 jun. 1926). Em 8 de setembro de 1926, em nova correspondência a Bertha Lutz, menciona auxílio do proprietário da Livraria Mundial na busca por uma editora para a obra de Mariana Coelho:

Em meados de agosto o chefe da Livraria Mundial escreveu para o Porto (Portugal) para a Casa Editora Lelo e Irmão – conforme a combinação dos dois, na minha ausência, mandei-lhe não só a explanação mais ou menos aproximada do meu trabalho como a Lelo havia pedido, mas também uma cópia da carta de Dario Velloso. Vamos ver se a resposta virá lisonjeira, pois o momento é oportuníssimo, não lhe parece? Se tivermos a felicidade de que a Casa da Editora do Porto publique o meu livro – e visto que não será publicado no Rio – oportunamente verei se lhe posso mandar algum excerto para aí publicar. (Coelho, 8 set. 1926)

A publicação parece ter enfrentado muitos entraves, inclusive alguns motivados pelos longos silêncios de Bertha Lutz e sua morosidade nas respostas, devido a suas viagens, trabalhos pessoais e questões de saúde. Na sequência das cartas trocadas entre as feministas, por vários momentos elas voltam ao assunto da publicação e da busca por uma editora, descrevendo possibilidades e contatos.

Mariana Coelho tinha noção de oportunidade e já havia assinalado por várias vezes nas cartas o que considerava momentos oportunos para a publicação da obra: “Lamento ter de esperar um pouco, porque o momento atual, para a publicação do livro, é de toda a oportunidade” (Coelho, 21 jan. 1925). “Que momento ótimo este agora para a publicação do livro!” (Coelho, 17 set. 1925); “Vamos a ver se a resposta virá lisonjeira, pois o momento é oportuníssimo não lhe parece?” (Coelho, 8 set. 1926) Essa ansiedade estava relacionada ao momento histórico vivido por elas, como a votação de projetos de interesse das mulheres e a ocorrência de eventos ligados ao feminismo.

As cartas trocadas entre Mariana Coelho e Bertha Lutz evidenciam não apenas o esforço da autora em concretizar a publicação de sua obra, mas também sua percepção aguda sobre o contexto político e social que favorecia sua difusão. Atenta aos acontecimentos de sua época, Mariana buscou o momento “oportuníssimo” para o lançamento do livro, na esperança de alcançar maior repercussão diante das mobilizações feministas e dos debates legislativos em curso. No entanto, os entraves mostram os obstáculos impostos às mulheres intelectuais mesmo entre seus pares. Ainda assim, a persistência de Mariana em articular redes, buscar apoios e identificar oportunidades revela o vigor de seu projeto político-pedagógico e a consciência de que a publicação da obra não era apenas uma realização pessoal, mas uma intervenção estratégica em favor da causa feminista

4 Diálogos epistolares com Bertha Lutz na gênese da obra de Mariana Coelho

A troca epistolar entre Mariana Coelho e Bertha Lutz ultrapassou as tratativas editoriais, envolvendo discussões sobre a estrutura e o conteúdo de *A Evolução do Feminismo*. Em 1925, Mariana compartilhou com Bertha a divisão preliminar dos capítulos, que abordavam temas como a mulher na religião, na guerra, na política, nas ciências e no amor. Bertha sugeriu ajustes, sobretudo nos capítulos relativos à religiosidade e aos afetos femininos, considerados delicados ou potencialmente polêmicos, ponderações que Mariana acolheu. Em cartas posteriores, Bertha também propôs alterações vocabulares, como a substituição de “burocracia” por “administração”. A versão publicada em 1933 incorpora mudanças que indicam o impacto dessa interlocução, como a reformulação de títulos, a inclusão de novos temas — entre eles a atuação feminina na imprensa — e ajustes de vocabulário,

evidenciando que a escrita da obra foi parcialmente construída no diálogo entre feministas atentas à recepção pública do livro.

As cartas revelam ainda aspectos centrais do processo de escrita, especialmente no que se refere às fontes. Desde 1923, Mariana buscava informações precisas sobre eventos feministas nacionais e internacionais, como a 1ª Conferência pelo Progresso Feminino (1922, Rio de Janeiro) e a Convenção Pan-Americana de Baltimore (1922), amplamente mobilizadas na obra (Coelho, 1933, 2002a). Nesse contexto, Bertha Lutz atuou como colaboradora estratégica, fornecendo dados, documentos e notícias, em um movimento que Alexandra Bueno (2019) conceitua como “Pedagogia Feminista”, entendida como uma experiência formativa entre mulheres no âmbito da cultura, da educação, da política e da vida pública, voltada à construção de modelos ideais de mulher.

A obra de Mariana, uma intelectual que se construiu à margem dos espaços formais de educação, foi produzida a partir dessa intensa rede de formações mútuas entre mulheres. Lutz, com sua ampla inserção em espaços feministas no Brasil e no exterior, tornou-se uma fonte estratégica diante da limitação dos periódicos locais de Curitiba. Sua demora em responder algumas cartas foi justificada por ausências em viagens diplomáticas e representações internacionais — o que só reforça sua posição privilegiada para fornecer as informações que Mariana necessitava. Além dos eventos feministas, Bertha colaborou com sugestões sobre a organização do conteúdo do livro.

Mariana também recorreu a outras intelectuais da América Latina, como Paulina Luisi, feminista uruguaia, com quem manteve contato por carta. A troca com Luisi permitiu que Mariana reunisse dados sobre o feminismo no Uruguai, incluindo nomes de mulheres que ocupavam cargos públicos e atuavam nas artes, ciências e política. Esses dados foram incorporados especialmente nos capítulos quatro e cinco da obra.

A correspondência mostra ainda o esforço contínuo de Mariana para manter sua obra atualizada. Em 1925, já com o capítulo sobre mulheres na política praticamente concluído, ela mencionava incluir novos dados obtidos por Bertha ou pela imprensa. Mariana também lamentava, em carta do dia 29 de dezembro de 1924, a dificuldade de acessar fontes confiáveis, citando erros em obras estrangeiras sobre

o sufrágio no Brasil. Isso reforça a importância de sua rede de apoio — formada por ativistas bem-informadas — para garantir a fidelidade histórica de seu trabalho.

Assim, *A Evolução do Feminismo* é resultado não apenas de um esforço individual, mas de um processo coletivo, apoiado por mulheres que partilhavam informações, documentos e experiências. O livro reflete essa dimensão colaborativa e internacional do feminismo de seu tempo, ancorada em uma rede de sociabilidades feministas transnacionais.

As cartas integram *A Evolução do Feminismo* não apenas como parte de seu processo de elaboração, mas também como componente da própria obra. Logo nas páginas iniciais da edição de 1933, Mariana Coelho incluiu duas cartas de caráter prefacial — uma de Rocha Pombo e outra de Dario Vellozo — concebidas como estratégias de legitimação intelectual e política. Ambas ressaltam o valor do trabalho, sua densidade documental, o longo esforço de pesquisa e a relevância da autora no campo feminista. Diferentemente das missivas trocadas durante a escrita, essas cartas foram pensadas desde o início para circulação pública, funcionando como apresentação elogiosa do livro. Como indicam Tomé e Campos (2023), o prefácio foi mobilizado por Mariana como recurso de inserção e reconhecimento no campo intelectual, sobretudo entre pares masculinos.

Inicialmente, contudo, Mariana desejava que o prefácio fosse escrito por Bertha Lutz, escolha considerada mais afinada aos propósitos da obra. O convite foi reiterado entre 1925 e 1928, com ênfase no valor simbólico e estratégico de um texto assinado por uma figura de projeção nacional e internacional no feminismo. Embora Bertha tenha respondido positivamente em 1926, o prefácio não foi entregue, não havendo indícios de sua finalização. O tom das últimas cartas de Mariana sugere frustração diante da demora, o que pode ter motivado a substituição por nomes mais disponíveis.

Ainda assim, ao publicar as cartas de Rocha Pombo e Vellozo, Mariana reforçou a autoridade de sua obra, acionando redes e intelectuais reconhecidos para ampliar sua circulação e aceitação.

Como VS^a Sabe, muitas vezes acontece que a mesma notícia publicada pelo telégrafo ou em crônicas, traz datas diferentes. E como o nome de VS^a é muitíssimo saliente em feminismo e inteligência, há muito resolvi escrever-lhe para me auxiliar nesta para mim difícil tarefa, visto que a imprensa de Curitiba raras vezes se ocupa com estas finalidades. (Coelho, 23 mar. 1924)

A extensa carta enviada por Bertha Lutz a Mariana Coelho em 9 de janeiro de 1925, datilografada em duas folhas inteiras, traz informações sobre a eleição da diretoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, como também fornece outras informações importantes, que Mariana Coelho incluiu no livro. A primeira delas era a de um projeto enviado pelo deputado mineiro Basílio de Magalhães sobre a necessidade da autorização do marido para que a mulher casada pudesse votar, opinando que seria “[...] inútil dizer que é uma restrição com a qual não podemos nem devemos concordar. É preferível o Projeto Lamartine já existente pois concede o voto nos termos da Constituição, único critério viável” (Lutz, 9 jan. 1925).

Essas informações foram inseridas por Mariana nas páginas 163 e 164 de *A Evolução do Feminismo*, quando ela fala dos direitos políticos no Brasil. Mariana Coelho, partilhando da mesma opinião, escreve: “Nós qualificamos uma concessão destas – de liberdade amordaçada... fato consequente, talvez, da influência que nitidiza a cediça obediência ao marido” (Coelho, 2002, p. 164).

Na continuidade do livro, Mariana Coelho incluiu o conteúdo na íntegra da carta que foi enviada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) ao autor do projeto, Basilio Magalhães. Mariana Coelho a nomeou no livro como “memorial”, (Coelho, 2002, p. 164 a 167). O documento articula a opinião da FBPF, amparando-a com outras opiniões convergentes, como a do senhor Lauro Müller⁶ e a do Instituto dos Advogados Brasileiros, citando também opiniões a favor do voto feminino de representantes estrangeiros, além de destacar como estava a posição do voto feminino em diversos países. A FBPF defendeu no memorial que “A mulher deve orientar a sua conduta política por si própria, conduzindo-se pelo seu próprio cérebro, tendo uma noção sua dos deveres a compor para com a Pátria” (Coelho, 2002, p. 166).

Na mesma carta de 9 de janeiro de 1925, Bertha Lutz informou Mariana Coelho sobre a situação do sufrágio feminino em países como Espanha, Itália e Grécia. Em relação à França, diante de incertezas quanto às informações disponíveis, orientou Mariana a procurar a importante ativista feminista e advogada Suzanne Grinberg, indicando-lhe o endereço da mesma. Bertha também compartilhou

⁶ Lauro Severiano Müller, nascido em Itajaí – SC, em 1863, falecido no Rio de Janeiro – RJ, em 1926, engenheiro, militar, Governador/Presidente de Santa Catarina, Deputado Federal, Senador, Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas e membro da Academia Brasileira de Letras (Memória Política de Santa Catarina, 2023).

informações sobre a liderança da União Interamericana, então sob a vice-presidência de Esther Neira de Calvo, do Panamá, além de dados sobre o Congresso do Conselho e da indicação e contato da destacada feminista inglesa Elsie Zimmern como fonte complementar (Lutz, 9 jan. 1925). O trecho evidencia o amplo conhecimento de Bertha Lutz sobre os movimentos feministas internacionais e sua inserção em redes transnacionais que forneceram a Mariana Coelho informações fundamentais para a escrita da obra.

O mesmo acontece no Anexo I da carta escrita em 1º de novembro de 1925 por Bertha Lutz a Mariana Coelho, onde aparecem sugestões de nomes e de seus respectivos endereços, como os de Katherine Bompas, em Londres, e de Lady Aberdeen Cromar, na Escócia (Lutz, 1 nov. 1925). Os trechos das cartas enviadas por Mariana Coelho a Bertha Lutz em 17 de novembro de 1924 e em janeiro de 1925 demonstram que as indicações de Bertha Lutz foram seguidas por Mariana Coelho.

Nas cartas é possível ver comentários do tipo: “Recebi, oportunamente, sua gentil cartinha e apontamentos de jornais e tudo muito lhe agradeço.” (Coelho, 17 nov. 1924, p. 1). “Aproveitei, pois, vários tópicos da representação, várias notícias eram novas para mim.” (Coelho, 28 jan. 1925).

Em carta de 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho comentou notícias veiculadas pela imprensa sobre o recuo do voto feminino na Itália e manifestou desconfiança em relação às promessas de Mussolini. Retomando o debate sobre a exigência de consentimento do marido para que a mulher pudesse votar, posicionou-se de forma contundente: “[...] não consinta, D. Bertha, porque, no caso afirmativo, ficariam as mulheres, em pleno século XX, presas à humilhação do Código de Napoleão — de horrorosa memória” (Coelho, 21 jan. 1925). Na mesma carta, discutiu ainda a elegibilidade feminina e a questão da nacionalidade da mulher casada, defendendo o direito de escolha entre a própria pátria e a do marido, e reafirmando seu compromisso com todas as mulheres, mesmo sendo solteira.

As cartas de 6 de dezembro de 1924 e de 21 de janeiro de 1925 foram respondidas por Bertha Lutz em 12 de fevereiro de 1925, quando manifestou igual repúdio a Mussolini e concordância quanto à arbitrariedade da exigência de autorização marital para o voto feminino: “Folgo muito em saber que concorda comigo quanto à arbitrariedade da autorização do marido para a mulher votar. Havemos de derrubar essa parte do projeto [...]” (Lutz, 12 fev. 1925).

Bertha Lutz também indicava livros que poderiam auxiliar Mariana Coelho na escrita, conforme podemos ver na carta do dia 17 de novembro de 1924, enviada por Mariana, onde menciona a sugestão de livros. A mesma carta trata ainda do pedido de elucidação por parte de Bertha de notícias na imprensa sobre o voto feminino na Espanha, na Itália e na América do Norte, além do pedido de informações sobre os últimos progressos do feminismo, para assim finalizar o trabalho. Pede também sugestões de pessoas a quem poderia enviar seu livro, dizendo que haveria êxito se fosse por intermédio de Bertha, a qual segundo ela, seria de “justificada competência” e a qual considerava “*leader* da mulher no Brasil” (Coelho, 17 nov. 1924).

Mariana Coelho não apenas manifesta admiração pessoal por Bertha Lutz ao chamá-la de *leader*, mas aponta para o lugar de prestígio ocupado por ela no cenário feminista nacional. Sua posição familiar e profissional no Museu Nacional reunia credenciais que lhe conferiam autoridade intelectual e política. Sua residência no Rio de Janeiro — então capital federal e centro das articulações institucionais — somava-se às constantes viagens internacionais que realizava em nome do movimento feminista, representando o Brasil em congressos e missões oficiais.

Nesse contexto, sua figura operava como um nó central nas redes de sociabilidade feminista, atravessando espaços sociais distintos e contribuindo para a circulação de ideias, livros e práticas — no sentido proposto por Chartier (1991), para quem a circulação implica em apropriações diferenciadas, com variantes advindas de múltiplas condições de recepção. Esses elementos não apenas a colocavam em posição de destaque junto às redes feministas internacionais, como também a tornavam uma referência estratégica para mulheres como Mariana Coelho, que, a partir de outras regiões do país, buscavam nela uma intermediária qualificada para difundir suas ideias e publicações.

A extensa carta ainda contém outros apontamentos relevantes. Em um de seus trechos, Mariana Coelho revela que sua amizade com Bertha Lutz lhe garantiu acesso a espaços na imprensa do Rio de Janeiro: “Recebi em fins de dezembro uma carta do redator da *Vanguarda*, pedindo a minha opinião sobre o sufrágio e a minha fotografia — dizendo que quem lhe lembrou o meu nome ‘foi a senhorita Bertha Lutz’” (Coelho, 21 jan. 1925). O episódio evidencia como as redes feministas eram mobilizadas para legitimar e difundir a produção intelectual entre mulheres, permitindo que autoras situadas fora dos grandes centros urbanos, como Mariana em Curitiba,

alcançassem circuitos de maior visibilidade na capital federal. Ao indicar seu nome à imprensa carioca, Bertha Lutz atuava como mediadora entre escalas local, nacional e internacional do movimento feminista, exercendo um papel de liderança que contribuiu diretamente para a ampliação da presença feminina no espaço público. Tal atuação pode ser compreendida como expressão de um “capital social” (Bourdieu, 1989), capaz de favorecer a inserção de outras mulheres nos debates e publicações de maior alcance.

A relação entre Mariana Coelho e Bertha Lutz não se configurava de modo estritamente vertical, apesar da admiração manifestada por Mariana. Em carta de 21 de outubro de 1925, por exemplo, Mariana cobrou resposta de forma cortês, mas firme, demonstrando preocupação com o possível extravio de uma correspondência anterior que continha provas de seus manuscritos. A resposta de Bertha Lutz veio em 1º de novembro de 1925 e, em compensação ao silêncio, consistiu em uma carta datilografada de quatro páginas, na qual se desculpava pela demora, atribuída a problemas de saúde, e devolvia com comentários o manuscrito do “Capítulo sobre Feminismo na Política e Burocracia” (Lutz, 1 nov. 1925). A longa carta concentra-se sobretudo nas impressões de Bertha acerca do capítulo, revelando uma mudança significativa de tom. Se nas correspondências anteriores seu incentivo parecia contido, após a leitura do quarto capítulo Bertha demonstra surpresa diante da qualidade do texto, indicando um reconhecimento mais explícito da densidade intelectual da escrita de Mariana Coelho.

Representa uma obra notável e não posso esconder-lhe a minha admiração e mesmo espanto pela riqueza da documentação. Deve representar pesquisas longas e tenazes, leituras pacientes e variadíssimas. O resultado é belíssimo trabalho que me deu a honra de percorrer. Aguardo com o maior interesse a oportunidade de percorrer o trabalho inteiro. (Lutz, 1 nov. 1925).

Em trecho seguinte, Bertha Lutz (1 nov. 1925) propôs o acréscimo de vários trechos que achava pertinentes ao livro:

Quanto aos Estados Unidos, a associação atual mais interessante é a Liga das Mulheres eleitoras, formada em substituição a *National American Woman Suffrage Association*, que ganhou a campanha sufragista e organizada após o voto para educar o eleitorado feminino. Tem milhões de membros e exerce uma influência sadia e benéfica no país.

Observamos que Mariana Coelho acatou a indicação, complementando o trecho já existente com as informações de Bertha Lutz e com mais detalhes que

provavelmente foram fruto de pesquisas próprias, o que podemos verificar na página 122, terceiro parágrafo de *A Evolução do Feminismo* (1933, 2002). Bertha Lutz continua seus comentários na mesma carta:

A Woman's Party se assemelha ao partido da Sra. Fankhusst na Inglaterra usando de táticas violentas e provocando escândalos. É mal-vista nos meios moderados. Pleiteando igualdade absoluta visa obter a abolição da legislação que protege as mulheres operárias e as menores da indústria. Um grande mal, não é? (Lutz, 1 nov. 1925).

Mariana Coelho insere este trecho no livro, em um parágrafo anterior ao citado acima. A extensa carta de Bertha Lutz e seus anexos ainda propôs outros acréscimos, alguns acatados e incorporados e outros que foram ignorados por Coelho, o que reforça a tese de que ela tinha autonomia, possuía e sustentava suas próprias opiniões. Procurar por Bertha Lutz, uma referência do feminismo brasileiro, não a colocava em papel de inferioridade e, apesar de se colocar sempre de forma humilde nas cartas, ela, ao mesmo tempo que buscava interlocução, não se intimidou em esclarecer determinadas visões discordantes de Bertha Lutz, que atuou como uma espécie de teste de qualidade, considerando que o livro já se encontrava em estágio avançado de escrita e Mariana Coelho tinha clareza do que queria, mas buscava em Bertha alguém de grande conhecimento sobre o assunto para procurar por equívocos que porventura pudesse ter cometido e completar as lacunas que pudessem existir.

Em carta de 12 de fevereiro de 1925, vemos um exemplo do questionamento de Bertha Lutz com relação às temáticas tratadas por Mariana Coelho no livro, em específico sobre os capítulos 3, “A mulher na religião – a sua tradicional servitude” e sobre o capítulo 7, “A Mulher no Amor”:

Pela indicação de capítulos deve o livro ser muito interessante. Já que a ilustre patricia teve a gentileza de tocar no assunto, peço vênica para fazer algumas ponderações, solicitando que não as julgue impertinentes. Com toda franqueza não acha um pouco arriscado tocar em livro sobre feminismo no assunto dos afetos. Será necessário? É tão fácil a má interpretação.

Uma das causas que mais tem prejudicado o feminismo é a ideia errônea de muitos que o feminismo é apologista da libertinagem em questões de amor. Ora, tenho certeza de que concordará comigo e com todas as verdadeiras *Leaders* do bom feminismo que a emancipação feminina deve ser feita num ambiente de mais elevada moralidade e se inspirar no profundo respeito do homem para com a dignidade da mulher que não condescende a intrigas sentimentais.

Quanto a religião também é um assunto muito sério. Não devemos esquecer nunca que a mulher brasileira é profundamente religiosa e que está vinculada à igreja católica. A igreja não ficará alheia certamente à orientação da mulher brasileira na sua tentativa de adaptar-se à vida moderna. Tenho a convicção

que será um dos elementos que mais fielmente virão impulsionar a emancipação feminina no Brasil.

Não sei quais as suas ideias sobre o assunto, mas tenho a certeza de que concordará certamente que não se deve fazer violência aos ideais religiosos e a fé.

Queira perdoar-me ter dado o meu parecer sobre este assunto, mas já que estamos tratando de questões sérias e que a nossa responsabilidade é grande, julguei meu dever fazer estas ponderações. [...] (Lutz, 12 fev.1925).

Este trecho revela o posicionamento feminista de Bertha Lutz, compartilhado também por Mariana Coelho e por muitas feministas da época⁷, que possuíam como objeto de luta a inserção da mulher na vida pública e política, o direito de votar e ser votada, mas ao mesmo tempo, se preocupavam com a moralidade de suas ações. Neste caso, o objetivo de Bertha Lutz era evitar interpretações errôneas que poderiam ser levantadas sobre os escritos de Mariana Coelho e que pudessem sujar a reputação do movimento feminista e até mesmo delas próprias.

A resposta de Mariana Coelho veio em carta do dia 19 de março de 1925, como já destacamos anteriormente, com um trecho que demonstra sua posição firme e tranquilizadora:

Que ao título de alguns capítulos de meu livro, não representam, absolutamente, o que D. Bertha receia.

Por exemplo, no último “A mulher no amor” é desenvolvida e historiada a sua ação da mulher no amor maternal, conjugal etc.,

Pois da minha humilde pena poderia sair coisa que desse margem a censura e reparos a nossa digna causa?

É que é tão bela a palavra – amor - que a aplico a todos os afetos familiares e naturais sem nunca sancionar o que é menos sério.

O capítulo “A mulher na religião” desenvolve o papel da mulher em várias religiões e através da história. (Coelho, 19 mar. 1925)

Ao compararmos o que foi enviado em carta para Bertha Lutz em 21 de janeiro de 1925 e a obra publicada em 1933, percebemos que Mariana Coelho alterou alguns títulos de seus capítulos e podemos afirmar que isso ocorreu pelos apontamentos de Bertha Lutz. Além das mudanças já citadas nos títulos dos capítulos 3 e 5, o último capítulo que tinha como título “A mulher no amor”, passou a ter o título “A mulher nas diversas modalidades do amor”. Pelo que acreditamos, Mariana Coelho se precaveu

⁷ “O movimento feminista que se inaugura nos anos 10 volta-se para os interesses estratégicos das mulheres. Percebia-se que sua inserção na esfera pública, ainda incipiente, haveria que se iniciar pela plena participação na vida política do país, como eleitoras e como candidatas. Acreditavam que tendo essa primeira igualdade jurídica sido alcançada, uma maior participação na educação formal e no trabalho remunerado viria à reboque. Ademais, preocupavam-se com a educação política das mulheres para estimulá-las a participar da vida pública com capacidade crítica” (Novellino, 2018, p. 3).

das más interpretações apontadas por Bertha Lutz, mantendo o assunto, mas mudando o título do capítulo, deixando-o mais objetivo sobre o seu teor.

A carta de Mariana Coelho em 26 de julho de 1927, demonstra que Bertha Lutz questionou a mudança no título, e nela Mariana Coelho justificou essas mudanças:

“A Mulher no Amor” dá a entender somente o amor sexual; e nas diversas modalidades, desenvolve a situação moral da mulher em todos os assuntos nobres do seu afecto, como: amor fraternal, conjugal, maternal, ao próximo. Creia minha querida amiguinha, que a minha consciência me assegura de que não preciso mudar uma vírgula no que escrevi. Por hoje nada mais se me oferece dizer-lhe. Quando falei neste capítulo ao meu querido irmão – hoje falecido – êle respondeu-me: “Fechas com chave de ouro”. (Coelho, 26 jul. 1927)

O trecho supracitado reforça a percepção de que a relação intelectual entre Mariana Coelho e Bertha Lutz não se organizava a partir de uma lógica de submissão, ainda que fosse marcada por admiração, interlocução e reconhecimento mútuo. Ao justificar a manutenção do título e do conteúdo do capítulo, Mariana Coelho demonstra clareza quanto ao alcance moral e afetivo de sua escrita, bem como segurança em relação às escolhas conceituais que sustentavam sua obra. Nesse sentido, observa-se que, embora tenha considerado ponderações externas e acolhido aquilo que lhe pareceu coerente, a autora manteve-se firme em suas convicções, recusando alterações que julgava desnecessárias ou incompatíveis com o sentido do texto. Tal postura evidencia não apenas sua autonomia intelectual, mas também a consolidação de uma autoria consciente de si, capaz de negociar, argumentar e sustentar publicamente suas decisões no interior de uma rede de sociabilidade feminina e intelectual, sem abdicar de sua voz própria.

5 Considerações finais

A análise das correspondências entre Mariana Coelho e Bertha Lutz permite compreender *A Evolução do Feminismo* como resultado de um processo intelectual longo e coletivo, marcado pelas práticas epistolares e pelas redes de sociabilidade feminista. As cartas evidenciam que a escrita da obra não se limitou à reunião de informações, mas constituiu um exercício contínuo de formação intelectual, negociação de sentidos e intervenção política, no qual a troca de dados, documentos e impressões foi decisiva.

Tomadas como ego-documentos, as cartas revelam-se espaços privilegiados de aprendizagem, subjetivação e produção de conhecimento. Por meio delas, Mariana Coelho solidificou uma trajetória intelectual à margem da educação formal, apoiada em práticas educativas informais e no diálogo com outras mulheres, especialmente Bertha Lutz. Essa interlocução contribuiu para a atualização das fontes, para ajustes estruturais da obra e para a definição de estratégias de legitimação, sem, contudo, configurar uma relação hierárquica.

As cartas também evidenciam o papel central das redes feministas na circulação de ideias e impressos. A posição ocupada por Bertha Lutz, com ampla inserção institucional e projeção nacional e internacional, funcionou como mediação estratégica entre diferentes escalas do movimento feminista, permitindo que Mariana Coelho, atuando a partir de Curitiba, acessasse circuitos mais amplos de visibilidade.

Nosso estudo evidencia os limites e obstáculos enfrentados por mulheres no campo intelectual da primeira metade do século XX, como os silêncios epistolares, as lacunas documentais e as dificuldades editoriais. A demora na publicação da obra e as estratégias adotadas para sua legitimação expõem as desigualdades de gênero que atravessavam a produção e a circulação do conhecimento. Do ponto de vista da História da Educação, a trajetória de Mariana Coelho amplia a compreensão dos processos formativos das pedagogias feministas ao evidenciar que a educação também se constrói em espaços não institucionalizados.

Analisando *A Evolução do Feminismo* a partir de sua gênese epistolar reafirmamos a escrita como prática educativa, ética e política, contribuindo para a valorização de formas alternativas de produção intelectual feminina e para o aprofundamento das pesquisas sobre ego-documentos, mulheres intelectuais e educação não escolar. Esperamos ter contribuído para a valorização de sua obra como expressão do feminismo de seu tempo e como testemunho da potência política da educação e escrita urdida entre mulheres.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, p. 3385, 26 fev. 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Decreta%20o%20C%C3%B3digo%20Eleitoral.&text=Art.,elei%C3%A7%C3%B5es%20federais%2C%20estaduais%20e%20municipais>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BUENO, Alexandra Padilha. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BUENO, Alexandra Padilha. **Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher**: uma pedagogia feminista em disputa (1910-1940). 2019. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/71103>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BUENO, Alexandra Padilha. **Mariana Coelho**: educação e feminismo na trajetória de uma intelectual luso-brasileira (1893-1954). Paranavaí: Edunespar, 2024.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita**: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

COELHO, Mariana. **A Evolução do Feminismo**: subsídios para sua história. Rio de Janeiro, Imprensa Moderna, 1933.

COELHO, Mariana. **A Evolução do Feminismo**: subsídios para sua história. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 2 jan. 1923. 1 carta (3 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 23 mar. 1924. 1 carta (3 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 17 nov. 1924. 1 carta (6 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 6 dez. 1924. 1 carta (2 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 29 dez. 1924. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 21 jan. 1925. 1 carta (7 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 28 jan. 1925. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 15 set. 1925. 1 carta (7 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 17 set. 1925. 1 carta (3 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 21 out. 1925. 1 carta (2 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 19 mar. 1925. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 1 nov. 1925. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 22 nov. 1925. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 5 jun. 1926. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 8 set. 1926. 1 carta (8 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 26 jul. 1927. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. [**Correspondência**]. Destinatário: Bertha Lutz. Curitiba, 28 abr. 1936. 1 carta (1 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

COELHO, Mariana. **Cópia de ficha recebida de Rachel Crotman, preenchida por Mariana Coelho para ser apresentada ao 3º Congresso Nacional Feminino.** Curitiba, 13 set. 1936. 1 ficha (2 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des) Arquivar**: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História**: Questões & Debates, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37036/22828>. Acesso em: 12 jun. 2024.

DUSSEL, Inés. Fotos encontradas en el archivo: aproximaciones al trabajo con imágenes a propósito de un álbum amateur sobre juegos infantiles (Argentina, fines del siglo XIX). **Historia y Memoria de la Educación**, n. 10, p. 51-89, 2019. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/22962>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização Manoel Barros da Motta; Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e ressonâncias**: Mariana Coelho. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

LÔBO, Yolanda. **Bertha Lutz**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

LUTZ, Bertha. [**Correspondência**]. Destinatário: Mariana Coelho. Rio de Janeiro, 9 jan. 1925. 1 carta (2 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

LUTZ, Bertha. [**Correspondência**]. Destinatário: Mariana Coelho. Rio de Janeiro, 12 fev. 1925. 1 carta (2 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

LUTZ, Bertha. [**Correspondência**]. Destinatário: Mariana Coelho. Rio de Janeiro, 1 nov. 1925. 1 carta (4 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

LUTZ, Bertha. [**Correspondência**]. Destinatário: Mariana Coelho. Rio de Janeiro, 20 maio 1926. 1 carta (1 f.). Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=mariana%20coelho&v_fundo_colecao. Acesso em: 15 mai. 2024.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Lauro Müller**. Florianópolis: ALESC: UFSC, 2023. Disponível em: https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1124-Lauro_Mueller. Acesso em: 30 out. 2024.

MONTEIRO Lobato. **Blog Monteiro Lobato**. [S. l.]. Disponível em: <https://monteirolobato.com/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Mary Wollstonecraft e o nascimento do feminismo. **Blog Boi Tempo**. São Paulo, 27 abr. 2025. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2025/04/27/mary-wollstonecraft-e-o-nascimento-do-feminismo/>. Acesso em: 6 jan. 2026.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. **Movimento feminista no Brasil no século XX**. Revista feminismos, v. 6, n.1, p. 57-66, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30362/17894>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. Júlio de Mesquita. *In*: ABREU, Alzira Alves de (coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MESQUITA,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SANTOS, Daise Silva dos. Arquivos Digitais: possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação. **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 4-19, maio./ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2369>. Acesso em: 10 out. 2024.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Débora do Rocio Pacheco da. **O Paraná Mental e uma mulher polivalente: trajetória e obra de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense (1857-1954)**. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/4216>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TAVARES, F. Cavaliere. Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft: pioneirismo na luta pelos direitos das mulheres. **Revista Interdisciplinar Do Direito**, Valença, v. 21, n. 1, e20232106, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24859/RID.2023v21n1.1418>. Acesso em: 14 jan. 2026.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; CAMPOS, Névio. Mariana Coelho: o uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória. **Revista História da Educação**, v. 27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/69fWgz8BZwzWS6dnzJvx9sG/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Mariana Coelho e a educação das mulheres: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940)**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3127>. Acesso em: 13 ago. 2023.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

Van Ruyskensvelde, S. Towards a history of e-ducation?: exploring the possibilities of digital humanities for the history of education. **Paedagogica Historica**, Londres, v. 50, n. 6, 861-870, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00309230.2014.955511>. Acesso em: 18 ago. 2024.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo, refugios del yo, refugios de otros. *In*: MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

Recebido em dezembro 2025 | Aprovado em março 2026

MINI BIOGRAFIA

Andréa Bezerra Cordeiro

Doutora em Educação, professora de História da Educação no Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Paraná e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR na linha de História e Historiografia da Educação. Sua atual ênfase de pesquisas recai sobre a História da Educação, da Infância, da Cultura Material e da educação feminina.

E-mail: andreacordeiroufpr@gmail.com

Rosana de Fatima Berton Bauer

Mestra em Educação pela UFPR. Licenciatura em Pedagogia, Sociologia e História. Especialização em EAD e Novas Tecnologias; e Educação, Política e Sociedade. Bacharela em Administração Pública com Especialização em Gestão Pública Municipal. Bacharela em Museologia com Especialização em Arqueologia e Patrimônio. Professora QPM de Sociologia e História pela SEED-PR.

E-mail: rosanaberton@gmail.com